

# Apesar de você... a nave va

Severino Francisco

Nem "Fala Brasília II" e nem "Chora Brasília Mil". O grupo de trabalho, integrado por representantes de diversos segmentos da cidade, que está analisando e encaminhando o debate e as ações visando a transformação do horizonte cultural de Brasília, quer evitar tanto as atitudes mecânicas quanto o chororô. A vida cultural da cidade tem sido marcada pela descontinuidade, pelos lances oportunistas, pela pobreza de opções de informação, pela política fisiológica de cargos.

Com o objetivo de articular as ações e imprimir um sentido de permanência na abordagem da questão cultural em Brasília, o grupo de trabalho estará promovendo, a partir de hoje, até sexta-feira, a primeira etapa de um seminário sobre a situação da cultura em Brasília. Pelo menos esta é a proposta do "Grupo de Trabalho". O seminário será realizado, hoje, a partir das 20h00, na Casa da Cultura da América Latina (Ed. Anápolis - 2º Andar), amanhã (o dia todo) e depois de amanhã, no Auditório Nobre da Associação Comercial (Palácio do Comércio - 2º Andar - Setor Comercial). O primeiro dia terá como tema a **Multiplicidade da Cultura**; o segundo dia procura fazer um levantamento das condições setoriais de criação/produção no DF; e o terceiro se dedicará a sugestões para uma articulação permanente do movimento cultural brasiliense.

Evitar o muro das lamentações (ou o chororô) é uma das principais preocupações dos organizadores do Seminário. E, neste sentido, os levantamentos de problemas setoriais serão realizados tendo em mira uma visão de conjunto dos pontos comuns a todas as áreas: "Existem questões centrais em todo este entrave da cultura - comenta o poeta e jornalista Tetê Catalão, um dos integrantes do Grupo de Trabalho e um dos nomes cotados para a Secretaria de Cultura. Não estamos fiesta de mendigar. E eu acho, também, que é preciso acabar com esta idéia de que a cultura não vai acontecer se o Estado não apoiar".

Para Tetê Catalão, a importância do movimento está em marcar alguns conceitos que superem os esquemas viciados na relação com a cultura. "Queremos estimular as pessoas a trabalharem com massa crítica. Sim, vamos discutir as condições de produção, mas vamos discutir, também, as questões estéticas, onde nunca chegamos. É preciso uma atitude mais rebelde. Nós já superamos esta



bobagem de nomes". Estou apostando muito na mudança de atitudes. Se a gente jogar nesta idéia de que o processo cultural é mais importante do que o subproduto artístico avançaremos muito. Superamos o mito do artista que nasceu com o ego virado pra lua. O ego é algo em circuito fechado. O mais importante é criar um processo de libertação nas pessoas".

Carlos Augusto, o "Cacá", ator, ex-presidente da Fetadif e ex-conselheiro da Fundação Cultural, vê o seminário como uma velha necessi-

dade do movimento cultural: "Nós temos tido uma atitude extremamente pragmática - comenta Cacá. Nós não paramos para pensar. O mais importante, para mim, neste seminário, é a possibilidade de darmos um caráter permanente na abordagem da cultura em Brasília. Porque, na verdade, temos ficado a reboque dos fatos. Nós só nos movimentamos quando algum fato nos surpreende. Independente de GDF ou de Fundação Cultural nós temos de organizar nossas ações".

A partir de hoje serão realizados debates, encontros, palestras, levantamentos; visando a etapa final do seminário, no mês de março. Cacá entende que esta disponibilidade de tempo será fundamental para que as ações sejam articuladas de maneira eficiente: "Sob a máscara da falta de recursos e da falta de uma política cultural, o Estado tem implantado uma política de descontinuidade. Sempre muda as pessoas do poder para que a cada dia a cultura tenha a cara do diretor-executivo de plantão. Isto é uma das coisas que temos

de combater. Se nós não nos articularmos ficaremos sempre à mercê dos oportunistas em busca de cargos".

Cacá atribui a baixa qualidade da produção local, pelo menos em sua área, o teatro, à quebra do nível de vida; ao nível insatisfatório do ensino, à política de desinvestimento na cultura: "Toda uma geração chegou a uma idade de produção sem ter tido uma formação crítica". Márcio Cotrim, integrante do Grupo de Trabalho e também um dos nomes cotados para ocupar a Secretaria de Cultura, diz que uma das vantagens do seminário é o de proporcionar um aprofundamento do debate: ele não teme a repetição do "Fala Brasília" em outro contexto: "O Fala Brasília está todo documentado. Não vamos repetir nada disto. Agora trataremos as questões de forma mais objetiva".

Guilherme Reis, ator, e um dos coordenadores do Centro de Apoio à Atividade Artística e Cultural da UnB, não tem ilusões em relação ao seminário. Mas, todo o processo de discussões do Grupo de Trabalho tornou mais claras as posições de cada segmento: dos artistas, dos produtores, do pessoal das cidades satélites: "Não vejo o Seminário como a solução para todos os problemas e nem como uma bíblia a ser seguida. O importante é que estamos criando os canais democráticos para a gente conversar".

O Seminário sobre a Cultura em Brasília será realizado, a partir de hoje, às 19h00, na Casa da Cultura da América Latina (Ed. Anápolis - 2º andar). O primeiro tema é a **Multiplicidade Cultural**, através da exposição de doze convidados, do bruxo Raul de Xangô ao índio Marcos Tereza. Amanhã o Seminário prosseguirá durante todo o dia, a partir das 9h00 da manhã. Os debates se articularão através de subgrupos, com o objetivo de se fazer um levantamento de questões setoriais, mas, ao mesmo tempo, comuns às várias áreas. Na parte da tarde, o debate terá como tema a **Organização do Movimento Cultural**. No último dia, sexta-feira, o Seminário será realizado no Auditório Nobre do Setor Comercial (Palácio do Comércio - 2º Andar - Setor Comercial). Na pauta a decisão sobre o "Conselho de Cultura do DF". Todos os credenciados poderão votar. E para se credenciar basta comprovar a ligação com qualquer área de atuação na cultura no DF. O contato para credenciamento é o escritório da agência "Free-Lancer", fone: 224-5138. O seminário é aberto à participação de todos os interessados.

## Linhas, entrelinhas, aspas, interrogações

Rubens Araújo

A "absoluta falta de tempo" do governador Joaquim Roriz (como ele próprio tem declarado) para escolher o secretário da Cultura não preocupa os candidatos ao cargo. Apesar de concordarem que a demora tem prejudicado a vida cultural de Brasília, consideram que Roriz tem justas razões para ainda não ter se decidido.

A novela da demora da escolha do secretário vem chamando a atenção de todos. Afinal, o Grupo de Trabalho, instalado pelo próprio governador, já entregou há 10 dias um documento com sugestões para uma nova política cultural. O grupo não sugeriu, contudo, uma lista tríplice de nomes, como haviam feito os outros grupos durante o processo de escolha dos secretários de Roriz. O governador pediu um tempo para pensar. Até hoje.

Márcio Cotrim, assessor publicitário do Banco do Brasil e candidato aberto à vaga de secretário, afirma que Roriz é sincero quando fala em "falta de tempo". "Todo o relacionamento do governador com a área cultural tem sido raro em Brasília; no sentido dele ter sido receptivo às sugestões da comunidade, de ter dado total liberdade para o grupo de trabalho pensar. Por esse relacionamento, acho que o problema do governador é realmente falta de tempo", diz Cotrim.

O assessor do Banco do Brasil disse que "todos estão vendo como



Tetê: autonomia



Laís: sem pressa



Cotrim: ocupado



Cacá: desinteresse

o governador anda ocupado: na semana passada ele esteve dias inteiros por conta da Semana da Saúde. E pelo visto, ele estará no mesmo ritmo na Semana da Educação, que está acontecendo". Cotrim, apesar de compreender a falta de tempo de Roriz, acredita que a demora ocasiona "uma certa descontinuidade" na vida cultural da cidade, mas "ele tem motivos maiores para não resolver logo o assunto".

A professora universitária Laís Aderne, coordenadora do GT e diretora da Casa da América Latina onde acontecerá o Seminário da Cultura do DF (veja matéria) e também um nome lembrado para a vaga da Secretaria de Cultura, diz que não vê desinteresse na demora do governador. "Se ele estivesse desinteressa-

do, não teria aprovado o documento do Grupo de Trabalho para lhe dar subsídios para a escolha", argumenta.

Laís Aderne lembrou da correria natural que um governador passa em seus primeiros meses de administração. "As notícias que eu tenho é que Roriz anda muito ocupado com a Semana da Educação", disse. Ela defende ainda a hipótese de que o governador "não tenha tido ainda condições práticas de se resolver". A demora não lhe aflige tanto: "É bem melhor ele demorar para encontrar um bom nome, do que decidir rápido e escolher a pessoa errada".

Tetê Catalão, poeta e jornalista, um dos nomes da comunidade artística para a secretaria, disse, por sua vez, que não se "ocupou" com a de-

mora: "A indicação está totalmente nas mãos do governador. O Grupo de Trabalho, do qual participei, fez questão de não cair no jogo da sugestão de nomes. Estávamos mais preocupados com o processo cultural da cidade e não com esse tipo de questão".

Tetê acha, também que não existe desinteresse na demora de Roriz. "Acho mais que ele está amarrado a algumas coisas", diz. E a amarra mais forte, segundo o jornalista, seria o diretor da Fundação Cultural, Marlos Nobre. "O governador não tem um local para onde deslocar o Marlos Nobre, que tem uma boa proteção. Essa seria uma das causas da demora. A outra seria talvez a falta de segurança de Roriz para escolher um nome".

O jornalista desconfia que a novela da Secretaria de Cultura só será resolvida quando Marlos Nobre estiver num porto seguro. Ele lamenta que até lá a cidade fique prejudicada pela falta do secretário. Segundo Tetê, o prejuízo não é nem tanto pela inércia da Fundação Cultural, que tem uma "administração egocêntrica e centralizadora", mas principalmente pelas sugestões do Grupo de Trabalho, que ficam sem ser realizadas.

Tetê aponta como sugestões importantes a criação de um Conselho estadual deliberativo, com a participação da comunidade e a criação ainda de câmaras comunitárias em todas as cidades-satélites. "Uma das preocupações do Grupo de Trabalho foi com a autonomia dos artistas frente ao Estado. Pensamos num diálogo mais livre entre artistas e estado", defende.

Enquanto os nomes possíveis para a secretaria acreditam na sinceridade do governador Joaquim Roriz, há quem não seja tão crente. É o caso do ex-presidente da Federação de Teatro do Distrito Federal-Fetadif, o ator Carlos Augusto, que não está cotado para a vaga. Para ele, o motivo da demora é mesmo o velho e conhecido desinteresse: "Dizer que não tem tido tempo para pensar na questão da cultura é bem revelador de que o governador pensa sobre o assunto. E, no fundo, a declaração de que a cultura não é importante. Continua a mesma coisa de antes. A Secretaria de Cultura foi criada por José Aparecido para contrabalançar os cargos no acordo entre PMDB e PFL".